

Cerâmica medieval das escavações da zona do Castelo de Castelo Branco (Portugal)

João Henriques Ribeiro

Um aluimento de terras, provocado pelas chuvas intensas de 1977, alertou a cidade de Castelo Branco para um espólio significativo, de características medievais.

Este complexo situa-se junto à igreja de Santa Maria, no recinto muralhado, na parte NW da cidade medieval albicastrense, capital de Província de Beira Baixa, em Portugal, com as cotas básicas P = 4 409,6 e M = 628,7.

Iniciados os trabalhos de escavação em 1978, os resultados preliminares sujeitos a um estudo concreto são os seguintes:

Espólio numismático; pedaços de cerâmica medieval cristã e alguns de influência árabe; conjunto significativo de estelas medievais discóides e rectangulares; objectos religiosos, como crucifixios, medalhas, contas; alfinetes de cabeça; anéis; pregos; fivelas.

Foram utilizadas as técnicas que melhor se podem aplicar a uma estação arqueológica deste género (Bouard/Riu, 1977, a -CEMITERIO MEDIEVAL- sistema de quadrículas e valas de investigação (Frédéric, 1967).

Tal como qualquer cidade medieval, Castelo Branco apresenta, ainda hoje, um quadro permanente e completo, com as suas ruas estreitas e estendidas pela encosta do circuito de muralhas, a toponímica dessa época e o viver de um povo que mantém a diferenciação própria do resto da cidade (Pirrenne, 1973).

No séc. XV, Duarte D'Armas referencia já a planta deste local das escavações com uma carga genuína de expressão medievla.

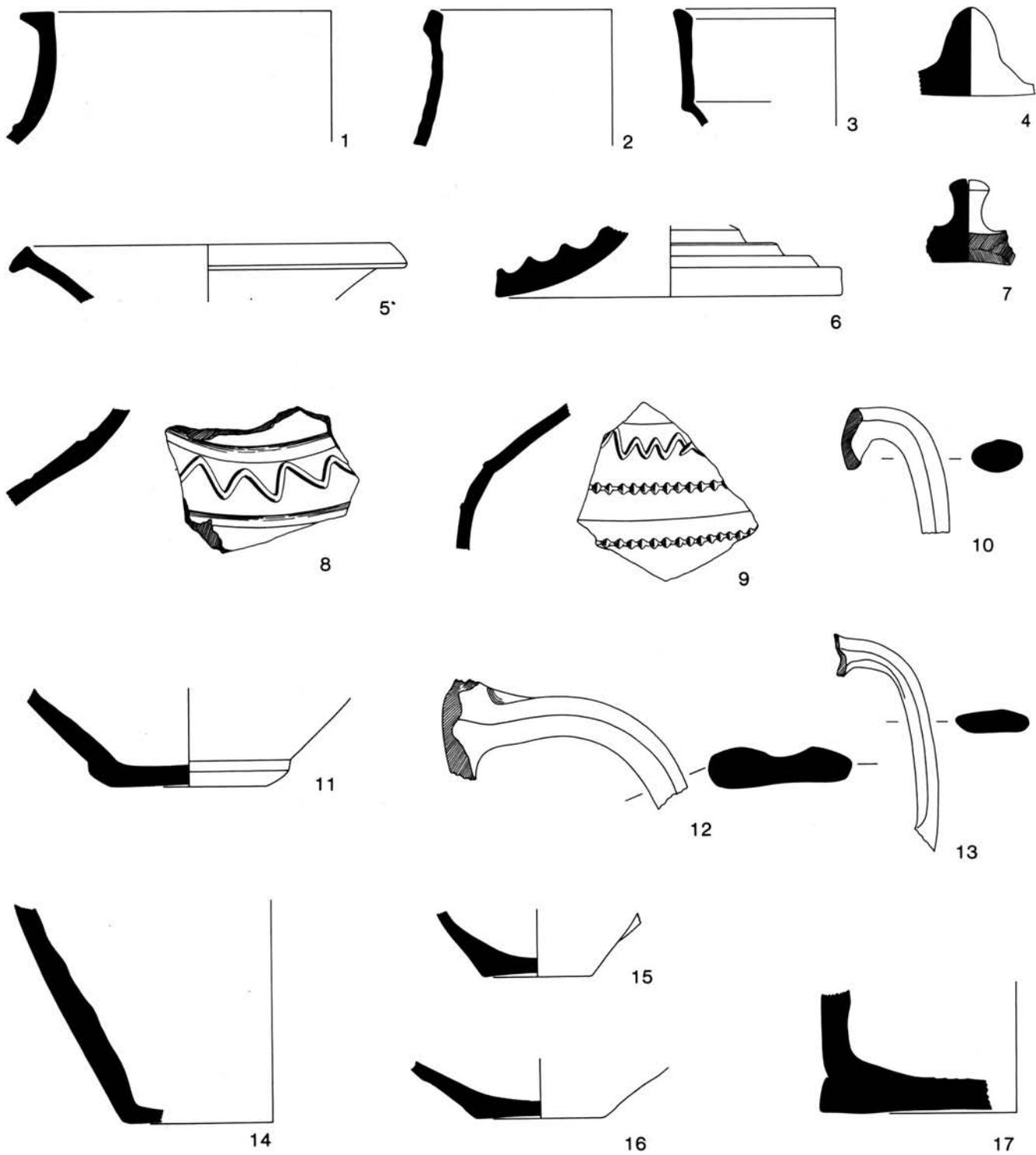
O cemitério circundante da igreja é o resultado de dois factores que os «Registos Paroquiais» indicam, quer pela extensão que a única freguesia abrangia, com este e único local de enterramento, tendo sepulturas no interior e no exterior do templo; quer ainda pela Lei que então começava a vigorar (Marques, 1974); ou a última e humilde vontade expressa pelo defunto; ou também a sua categoria social o definiam, eram estas exumações feitas no local próprio (Hancourt, 1944).

As sepulturas são de dois tipos: cavadas no xisto, antropomórficas, ou já com ataúde de madeira, como o comprova a grande quantidade de pregos encontrados. Estes pregos, tipologicamente, têm a forma de cravo, em «T», cabeça redonda, ou com uma só banda saliente.

Os enterramentos deste género são comuns nas cidades ou burgos medievais, na Península Ibérica (Castillo, 1972) e, certamente, em todos os locais de cariz medievo (Bielsa, 1977).

As moedas portuguesas (Vaz, 1969) que enquadram uma época, abrangendo o período do início do séc. XIV ao início do séc. XVI (Aragão, 1874), surgem junto de esqueletos intactos, em sepulturas antropomórficas cavadas no xisto, com tecido aderente, podem conduzir-nos a uma possível datação.

Junto dos pés desses esqueletos e em todo o complexo arqueológico, aparecem fragmentos de cerâmica com formas muito definidas e enquadrados na denominada cerâmica medieval cristã e árabe, à semelhança do que acontece nas necrópoles de Espanha (Maldonado, 1978).



Esta cerâmica tem, presentemente, uma proveniência duvidosa. Pode, no entanto, considerar-se uma cerâmica regional e outra com características islâmicas, principalmente os azulejos e ladrilhos (Archimbaud, 1980). Destes apenas existem pedaços que apresentam figuras geométricas e vegetais, com as cores inconfundíveis do melado, azul, verde, branco e castanho escuro.

Quer pelas cores, quer pelos vergões salientes, levam-nos a concluir que estamos perante um testemunho islâmico inconfundível (Llubiá, 1973). Não se trata de «Corda-Seca» por não apresentar a diferenciação de cores com o traço negro.

Porém, a maior parte da cerâmica deste complexo, ainda que fragmentada, apresenta formas abertas de recipientes de utensilagem doméstica corrente, com uma multiplicidade enorme de formas e de diversos diâmetros. Esta encontra similares no resto da Península Ibérica (Zamora, 1976), o que nos leva a ultrapassar a estreita classificação de «regional».

Os fundos, bordos, asas e a decoração, são de variadíssimos tamanhos, cor e espessura. Esta variedade estava, certamente, dependente da função do objecto. Como só temos fragmentos não podemos concluir positivamente sobre tal função.



A cor de toda a cerâmica, com excepção para os azulejos e ladrilhos, incide principalmente no vermelho-ocre, variando de tonalidade e perfeição conforme a cozedura e a pasta empregues (Bouard/Riu, 1977b).

Estes modelos inseridos nas formas dos bordos, fundos e asas aproximam-se muito dos feitos em Espanha (Martinez, 1980).

A decoração, em geral, expressa-se em motivos geométricos de linhas horizontais contínuas, ondas, aspas ou meandros. Em objectos grosseiros, as incisões ornamentais são feitas com dedos, em oposição à cerâmica fina que indica o uso de um objecto fino, formando sulcos pouco profundos.

Apenas mais uma referência ao grande número de estelas medievais que apareceram nesta zona e nas próprias escavações. Aproximam-se de uma vintena. São quase todas discóides e duas rectangulares. A simbologia apresentada é comum em toda a Península Ibérica (Frankowsky, 1920). Destacam-se o «Sol Raiado», a cruz flordilizada, a cruz de Cristo, as folhas (Moreira, 1979).

Tendo em conta apenas a expressão epigráfica, podemos utilizar a tipologia apresentada no ARSE - Boletim del Centro Arqueológico Saguntino, n.º 15, 1977, páginas 179 e seguintes, no trabalho de Facundo Roca Ribelles, e deste modo as estelas desta escavação estão mais de acordo com os números 8R, 12C, 20C, 34R.

A cruz flordilizada, supomos ser a única no seu género. O material utilizado é o granito, como não podia deixar de ser, pois é muito abundante nesta região.

Resta-nos concluir que o nosso objectivo, ao apresentar este pequeno e esquemático trabalho, orienta-se no sentido de dar a conhecer mais um local, em PORTUGAL, da exis-

tência de um espólio medieval, que muito pode vir a contribuir, quer para a zona de influência árabe, para, em termos comparativos, se saber até onde se estendeu a influência de Valência ou outro centro difusor de cerâmica assim referida; quer ainda para se aprofundar, sobretudo em Portugal, uma identificação, sistematização e tipologia de estudos medievais, onde são em número muito reduzido.

BIBLIOGRAFIA

D'ARMAS, Duarte: Séc. XV, Livro das Fortalezas.

TEIXEIRA DE ARAGÃO, A. C., 1874: Descrição Geral e Histórica das Moedas Cunhadas em Nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal, Lisboa.

FRANKOWSKI, Eugeniusz, 1920: Estelas Discoideas de la Península Ibérica, Madrid.

D'HANCOURT, Geneviève, 1944: La vie au Moyen-Age, Paris.

Catálogo, 1966: «Cerámica Española de la Prehistoria a Nuestros Días», Madrid, pp. 32-35.

FREDERIC, Louis, 1967: Manuel Pratique d'Archeologie, Paris.

FERRARO VAZ, J., 1969: Livro das Moedas de Portugal, Braga.

DEL CASTILLO, Alberto, 1972: Excavaciones Altomedievales en las Provincias de Soria, Logroño y Burgos, Madrid, p. 35.

PIRENNE, Henri, 1973: As Cidades da Idade Média, Lisboa.

LLUBIA, Luis M., 1973: Cerámica Medieval Española, pp. 21 e 115, Barcelona.

DE OLIVEIRA MARQUES, A. H., 1974: A Sociedade Medieval Portuguesa, Lisboa.

ZAMORA, María Isabel Alvaro, 1976: Cerámica Aragonesa I, p. 26, Zaragoza.

BOUARD RIU, 1977: Manual de Arqueología Medieval, pp. 231-455.

BIELSA, María Asunción, 1977: Tipología de las Tumbas Antropomorfas de la Zona Aragonesa al Norte del Ebro, XIV Congreso Nacional de Arqueología, p. 1.235, Zaragoza.

PAVON MALDONADO, Basilio, 1978: Tudela, Ciudad Medieval: Arte Islámico y Mudéjar, p. 80, Madrid.

BELEZA MOREIRA, José, 1979: Actas das I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, Coimbra.

DEMIANS ARCHIMBAUD, Gabrielle d'e outros: Ceramiques D'Avignon, p. 37, Avignon.

DE LA CASA MARTINEZ, Carlos e outros, 1980: Tiermes I, p. 95-100, Madrid.

